

## **ESPOROTRICOSE FELINA EM BOLSA TESTICULAR – RELATO DE CASO**

### *Feline Sporotrichosis in Testicular Bag – Case report*

Dennis Dallegrave Peixoto<sup>1</sup>; Bruna Moreira do Prado<sup>2</sup>; Thabata Laccort Bortolato<sup>3</sup>;  
Crysthian Callegaro da Silva<sup>4</sup>; Fabiana dos Santos Monti<sup>5</sup>

**Palavras-chave:** Dermatite. Gato. Zoonose.

### **Introdução**

A esporotricose é uma micose subcutânea piogranulomatosa, causada por fungos dimórficos do gênero *Sporothrix spp* (Marques et al., 1993). Acomete o homem e uma grande variedade de animais. É um fungo que se apresenta na forma micelial entre 25° e 30°C, considerado saprófita de cascas de árvores e de solos ricos em matéria orgânica. Na forma parasitária, a 37°C, passa a levedura, crescendo em lesões dermo-epidérmicas, viscerais e ósseas (Xavier et al., 2004). A espécie mais suscetível à doença é o gato, principalmente machos não esterilizados e semidomiciliados, devido ao seu comportamento territorialista. Ao se envolverem em brigas inoculam o fungo em outros animais e no ser humano, por meio de mordeduras e arranhaduras (Corgozinho et al., 2006). No Brasil, o principal agente etiológico da esporotricose é o *Sporothrix brasiliensis* (Rocha, 2014) e como diagnósticos diferenciais citam-se as piodermatites, criptococose e carcinoma epidermoide (Gontijo, 2011). Neste relato apresentaremos o caso de um gato com lesão em bolsa testicular secundária à esporotricose.

### **Relato de caso**

Um gato, SRD, um ano de idade, não castrado, domiciliado e com acesso ao quintal, foi atendido em um Hospital Veterinário particular apresentando uma ferida em bolsa testicular, com evolução de 15 dias, após briga com um gato externo. Ao exame clínico observou-se edema e dor à manipulação da região. O paciente foi medicado com cefovecina sódica, acetato de metilprednisolona, dipirona e cloridrato de tramadol. Após quatro dias, a reavaliação indicou melhora do quadro, porém, o local da lesão permanecia edemaciado e com secreção purulenta. Além da importante inflamação na bolsa testicular, observou-se aumento de volume em narina. Foi colhido material da lesão cutânea para exame citopatológico e histopatológico. O exame citopatológico evidenciou infiltrado piogranulomatoso, associado a estruturas leveduriformes compatíveis com *Sporothrix spp*.

1 Curso de Medicina Veterinária – UTP

2 Curso de Medicina Veterinária – UTP

3 Curso de Medicina Veterinária – UTP

4 Curso de Medicina Veterinária – UTP

5 Professora Orientadora – UTP

Baseado na clínica e exame citopatológico, instituiu-se tratamento com itraconazol oral, na dose de 50 mg/gato, SID, por via oral. Posteriormente, o exame histopatológico concluiu como diagnóstico dermatite piogranulomatosa de causa fúngica (esporotricose). A terapia permaneceu por mais trinta dias após cura clínica. Houve cura completa da lesão, sem recidiva até o presente momento. A tutora do animal relatado apresentou lesão sugestiva de esporotricose na mão esquerda e, diante dos aspectos zoonóticos da doença e das características lesionais, a mesma foi orientada a procurar um serviço médico.

## Discussão

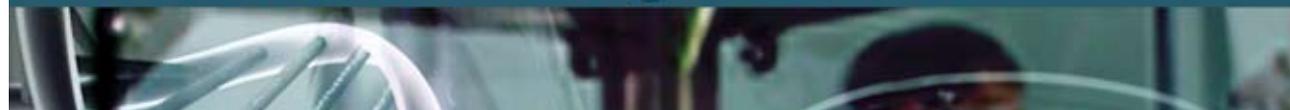
As lesões de esporotricose em gatos ocorrem geralmente em animais com idade entre 4 meses a 14 anos, machos, não esterilizados, sem predileção racial e com acesso à rua. O paciente relatado possuía acesso apenas ao quintal, mas gatos externos adentravam o local, favorecendo a disseminação da esporotricose. A doença possui diversas apresentações como a forma cutânea fixa; forma linfocutânea; forma cutâneo disseminada, principal manifestação em gatos; e extracutânea, na qual a manifestação respiratória se destaca. A lesão do gato em questão apresentava-se em uma localização não habitual, ou seja, na bolsa testicular, e em narina, caracterizando quadro cutâneo disseminado. Embora não tenha sido realizado exame para concluir o diagnóstico da lesão nasal, presumiu-se que essa também era relacionada a esporotricose, dada a importância dessa manifestação clínica na enfermidade (Rocha, 2014) e pela resposta satisfatória à terapia. O tratamento de escolha para esporotricose é o itraconazol, que deve ser mantido até um mês após a cura clínica. Apesar da monoterapia ser efetiva na esporotricose felina, alguns casos apresentam resposta clínica insatisfatória ao itraconazol (Gremião et al., 2006). Nos casos não responsivos, pode-se associar o iodeto de potássio ao protocolo (Rocha, 2014), entretanto, o animal relatado respondeu bem à monoterapia, não necessitando associação com outros fármacos, possivelmente por ter lesões pouco disseminadas e pelo diagnóstico ter sido realizado precocemente.

## Conclusão

A esporotricose é uma zoonose de grande importância. O número de casos vem crescendo ao passar dos anos, inclusive na cidade de Curitiba. O diagnóstico precoce é fundamental para um bom resultado terapêutico.

## Referências

MARQUES, S. A. et al. Esporotricose do gato doméstico (*Felis catus*): Transmissão Humana. Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo. 35(4):327-330, julho-agosto, 1993. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/11634/S0036-46651993000400004.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 16 de março de 2017.



XAVIER, M. O. et al. Esporotricose felina com envolvimento humano na cidade de Pelotas, RS, Brasil. Santa Maria, 2004. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84782004000600047&lng=pt&nrm=isso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84782004000600047&lng=pt&nrm=isso). Acesso em 16 de março de 2017.

CORGOZINHO, K. B.; SOUZA, H. J. M.; NEVES, A. Um caso atípico de esporotricose felina. *Acta Scientiae Veterinariae*. 34(2): 167-170, 2006. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/actavet/34-2/artigo669.pdf>. Acesso em: 18 de março de 2017.

ROCHA, R. F. D. B. Tratamento da esporotricose felina refratária com a associação de Iodeto de Potássio e Itraconazol oral. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: [https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/11962/1/raphael\\_rocha\\_ini\\_mest\\_2014.pdf](https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/11962/1/raphael_rocha_ini_mest_2014.pdf). Acesso em: 20 de março de 2017. GONTIJO, B. B. et al. Esporotricose e Leishmaniose Tegumentar em cães e gatos: semelhanças e diferenças. Londrina, 2011. Disponível em: <http://www.pubvet.com.br/uploads/1eedfa44a200e8ffa8a63fac29a5b4d4.pdf>. Acesso em: 20 de março de 2017.

GREMIÃO, I. D. F. et al. Tratamento cirúrgico associado à terapia antifúngica convencional na esporotricose felina. *Acta Scientiae Veterinariae*. 34(2): 221-223, 2006. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/actavet/34-2/artigo681.pdf>. Acesso em: 21 de março de 2017.